

AS DAMAS DE FERRO

- COMENTÁRIO DO FILME -

Por Luiz Fernando ROJO¹ e Victor Andrade de MELO²

Ficha Técnica

Título Original: The Iron Ladies/ As tree tex

Ano: 2000

País: Tailândia

Direção: Yonkyooth Thongkonhthun

Elenco: Jesdaporn Pholdee, Sahaphap Tor, Ekachai Buranapait, Giorgio Maiocchi, Chaicharn Nimpulsawasdi, Kokkorn Benjathikoon, Shiriohan Hongsoyon

Sinopse:

Mona e Jung, talentosos jogadores de voleibol, eram constantemente discriminados por várias equipes por serem homossexuais. A sorte deles vira quando a treinadora Bee propõe uma nova filosofia, em que todos são aceitos.

“Se você é tão preconceituoso, como tem coragem de achar que é atleta?”. A pergunta que a treinadora Bee faz a Mann, que havia sido indicado por ela para capitão da equipe de vôlei de Lampang – distrito da Tailândia – tem, em certo sentido, uma forte relação com aquela que desencadeia o filme “As Damas de Ferro”. Na primeira cena da película, vemos um técnico lendo a relação dos jogadores que fariam parte de um time. Após saber de seu corte, “Mona”, um excelente atleta, indaga se ele havia sido cortado por ser gay.

Estas duas cenas dão a dimensão do tema central do filme que, embora excessivamente caricatural em algumas passagens, tematiza com rara sensibilidade as questões de gênero e os preconceitos no campo esportivo, permitindo-nos debater as idealizações normalmente projetadas no esporte, principalmente no que ele conteria de possibilidade de estabelecer pontes entre as diferenças culturais.

Esse discurso é concretamente enfatizado a cada situação em que o esporte é investido da função de suporte simbólico para o ideal do conagraçamento universal, como

por exemplo no jogo Estados Unidos x Irã, na Copa do Mundo de 1998, e tanto no desfile conjunto das duas Coreias nos Jogos Olímpicos de Atenas (2004), quanto na decisão mais recente de competirem em uma única equipe, na próxima edição dessa competição.

Essas construções ideais, no entanto, não parecem resistir quando o que está em jogo não são as fronteiras que separam os países, mas aquelas que constroem as diferenças de gênero a se encaixarem no esquema binário de orientação sexual: masculino/feminino, onde cada um desses modelos está associado a uma série de comportamentos “aceitáveis”, nas quais a heterossexualidade é ponto nevrálgico e mesmo pequenas distensões nos padrões clássicos podem não ser bem toleradas.

Neste sentido, o filme é muito mais amplo do que uma simples abordagem linear da temática homossexual (ainda que tenha sido premiado em muitos festivais internacionais de cinema gay, tendo também obtido a 2ª maior bilheteria da história do cinema tailandês), e talvez esta seja uma das maiores qualidades de “As Damas de Ferro”.

Embora o tema mais aparente seja o do preconceito existente no âmbito esportivo em relação a atletas homossexuais, a partir de um fato real, a conquista em 1994 do campeonato tailandês de vôlei masculino por uma equipe majoritariamente composta por homossexuais (título que só foi reconhecido dois anos depois pela federação local), é interessante salientar que o filme permite ler uma gama de comportamentos e de conflitos de gênero muito diferenciados.

Desta forma, a própria categoria “homossexual” é desconstruída em seus componentes “gay” (Mona e Wit), “travesti” (Nong, Jung e as reservas Abril, Maio e Junho) e “transexual” (Pia), ainda que cada uma seja representada de forma muito estereotipada. Esta diversidade se reflete no modo como os interesses que conduzem as

ações dos personagens não se prendem somente à idéia do senso comum que vê em cada homossexual um tarado em potencial.

Assim, enquanto Mona se preocupa exclusivamente com o vôlei e com a conquista dos resultados, argumentando constantemente que sua orientação sexual em nada interfere no seu desempenho como atleta; Nong e Jung aparecem como principalmente interessadas nas possibilidades midiáticas que uma equipe tão “diferente” pode permitir para atrair “paqueras” dos homens que julgam interessantes. Já Pia vê no vôlei uma válvula de escape para o término de seu namoro com um homem que a troca por “uma mulher de verdade”, segundo suas próprias palavras.

É interessante a caracterização da homossexualidade como um espectro de diferentes características, ainda que, como já dissemos, para reforçar o aspecto cômico, os trejeitos e atuações resvalam com freqüência em posturas comumente reforçadas por compreensões estereotipadas.

Por outro lado, embora no evento real a treinadora também seja homossexual, o filme deixa este aspecto menos explícito, enfatizando ao redor dessa personagem as tensões de gênero mais tradicionais – masculino x feminino – que são apresentadas de forma clara em duas situações distintas.

A primeira delas pode ser observada logo em sua apresentação como nova técnica da equipe de Lampang, quando a maioria dos jogadores se sente desconfortável com o fato de serem treinados por uma mulher, levando inclusive a que surjam diversas alusões a sua possível homossexualidade. Aqui há portanto uma tensão interna entre “homens” e uma “mulher”, mesmo que ambos não transitem por esses conceitos pelo modelo considerado adequado pela sociedade.

A segunda situação, já nas finais do campeonato, fica explícita na reunião dos treinadores, na qual é a única mulher, e onde, como ela mesma faz questão de apontar, o preconceito contra seu time é reforçado pela recusa de se admitir que uma mulher possa ser tão boa treinadora quanto um homem. Mais uma vez identifica-se a idéia de que o campo esportivo é eminentemente um mundo dividido por gênero, no seu sentido “clássico”, o que inclusive teria desencadeado a trama de preconceitos contra os atletas homossexuais.

Por fim, cabe ressaltar as diferenças e tensões existentes dentro do próprio campo heterossexual masculino, cuja presença no filme pode ser considerada um de seus aspectos mais inovadores. Seja na oposição apresentada entre o pai de Jung, que lhe apóia e comemora efusivamente suas vitórias, e o pai de Wit, que chega a ir ao estádio tentar proibir que seu filho siga jogando em um time “homossexual”, ou, de forma ainda mais complexa, na diferenciação entre os jogadores homens do antigo time de Lampang, que se recusam a serem treinados por uma mulher, e Chai que não apenas se revolta contra este machismo, como permanece no time mesmo quando se vê na situação de único jogador heterossexual.

É aqui, no momento de tematizar uma possível interação harmoniosa entre homossexuais e heterossexuais, onde se encontravam as maiores armadilhas e perigos para a película, que o filme reforça sua abordagem que aproxima a vida social e seus conflitos do âmbito esportivo, inclusive entrelaçando as tensões que vão se ampliando no decorrer do campeonato (à medida em que as finais se aproximam), e as dificuldades que surgem na tentativa de construir uma nova forma de lidar com as diferenças de gênero.

Enfim, ainda que com os limites expostos, e sem ser um filme com grandes pretensões cinematográficas, “Damas de Ferro” tem o enorme mérito de trazer à tona um dos maiores e menos discutidos preconceitos no campo esportivo, notadamente no Brasil:

os relativos à orientação sexual, que de forma alguma podem ser descolados das discussões de gênero, ainda que possua suas peculiaridades. Indubitavelmente é algo que deve ser motivo de atenção, investigação e intervenção pedagógica dos pesquisadores e professores envolvidos com a área de Estudos do Esporte.

¹ Mestre e Doutor em Ciências Sociais pela UERJ. Autor de *Os diversos tons do branco: relações de amizade entre estudantes de Medicina da UERJ*. Rio de Janeiro: Ed. Litteris, 2001.

² Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Escola de Educação Física e Programa de Pós-Graduação em História Comparada); Principais publicações: *O esporte vai ao cinema. Rio de Janeiro: Editora Senac, 2005; Introdução ao Lazer. São Paulo: Editora Manole, 2003; Cidade Sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará, 2001; História da Educação Física e do Esporte no Brasil. São Paulo: Editora Ibrasa, 2000.*